

RAMÓN PASCUAL MUÑOZ SOLER

ALVORADA
DO
NOVO HOMEM

*Transcrição da gravação do diálogo entre o autor e membros do
“Instituto de Difusión de Estudios Sociales (IDES)”*

Traduzido por Edelweiss Blanes Martinez



I

Dr. Osvaldo Depaula. (Presidente do IDES)

Conforme nossas conversas durante os últimos encontros do Conselho, estivemos esperando por esta reunião. E nossa expectativa é dupla: primeiro, devido ao trabalho feito pelo Dr. Muñoz Soler, analisando papéis publicados pela revista publicada por este Instituto. O dr. Muñoz Soler leu todas as questões, da primeira à última e fez comentários a respeito. Eles foram realmente úteis como guia e orientação, e foram também um esclarecimento sobre certos temas que talvez estivessem potencialmente em nossas mentes, mas que ainda não haviam sido expressamente expostos. Esse mesmo interesse se tornou cada vez maior, através de nosso contato com o primeiro de seus livros – “*Germes de Futuro no Homem*” – que contém um número considerável de ideias que ansiávamos por ver escritas em algum lugar. O livro do dr. Muñoz Soler expõe muitos fenômenos da vida diária – os quais, em minha opinião, são profundamente incompreensíveis. E, ao mesmo tempo, seu livro é uma mensagem de futuro, através de sua concepção do homem de amanhã e através de sua, assim chamada, individualidade expansiva, inculcando efetivamente ambas, verdade e fé, ao mesmo tempo.

Pedimos ao dr. Muñoz Soler se seria possível que ele fizesse um comentário pessoal sobre esse livro, o qual lemos com muito interesse. E, se for possível, ampliar nosso contato mútuo, que sentimos seria muito útil.

Dr. Muñoz Soler, o sr. tem a palavra.

Dr. Ramón P. Muñoz Soler

De fato, não farei nenhum discurso, mas simplesmente proponho um diálogo. Acredito que o diálogo seja o princípio básico de seu Instituto... Pelo menos, creio que assim seja. Assim que, o sr. pode começar este diálogo e eu o seguirei. Ou melhor, nós todos o seguiremos.

P. – Pessoalmente, estou interessado em uma questão que é também um assunto muito importante. Em um dos capítulos de seu livro, o sr. se refere ao Método e diz que o homem atual, estando insatisfeito, em muitos aspectos, com sua vida diária, procura métodos diversos, e tenta encontrar uma satisfação e uma realização pessoal. E, a título de exemplo, sai em busca de filosofias orientais ou de drogas – por exemplo, ácido lisérgico. Atualmente, sinto que mesmo os hippies estão vivendo de uma certa maneira, por estarem insatisfeitos com a vida comum, e tentam encontrar algo melhor. Gostaria de conhecer sua opinião – ainda que o sr. a tenha referido em seu livro – e mais detalhes sobre esse tipo de métodos em moda, como a yoga, ácido lisérgico e outras drogas, e o estilo de vida hippie. E o que o sr. propõe em troca, como forma de responder a essa necessidade de individualidade do homem, pela qual neste momento, todos ansiamos.

R. – Quer dizer que o sr. pede uma crítica aos sistemas metodológicos, digamos assim, uma crítica aos sistemas de vida?

P. – Em seu livro, o sr. propõe um método que, em minha opinião, é muito interessante. Mas eu gostaria que explicasse melhor esse método.

R. – Com uma proposta como essa, uma pergunta sobre *como*, que é como dizer, sobre *método*, corremos o risco de objetivar o problema, que é o mesmo que dizer, o risco de torná-lo concreto. E quando você torna algo concreto, uma vez que damos a ele determinada forma – neste caso, o método concreto – corremos o risco de perder a visão da ideia básica que queremos alcançar. Em minha forma de ver, deveríamos propor uma questão prévia... isto é, deixar de preocupar-nos com método: sinto que o método surge de algo que desejamos.

Não adianta falar aqui de um método para escalar o Aconcágua ou os Himalaias, se não estivermos receptivos e se não *quisermos* escalar. E se não quisermos isso de tal forma que estejamos ansiosos por pô-lo em prática. Penso que uma discussão sobre métodos certamente levaria a noite toda, sobre o que seria melhor: se a pé, se de carro, com uma mula, ou se de avião... Em vez disso, acho que nesta nossa conversa, em um nível de diálogo esclarecedor, nossa tentativa de chegar fundo em nossa ideia básica – a de vocês e a minha – é mais importante, do que perder-nos em detalhes metodológicos, cujo valor eu não nego, pelo contrário. Acho que é muito importante conhecer o melhor método para escalar os Himalaias. Mas, creio ser mais importante – para um grupo como este, o qual olha para o futuro – parar um momento e aprofundar melhor esta ideia de futuro, do que encontrar um método. Isto é, gostaria de ousar – se vocês concordarem – deixar de lado, por um momento, esta questão sobre método.

P. – E o que seria essa ideia de futuro, em sua forma de ver?

R. – Creio que seria melhor para o sr., elaborá-la. Já que o sr. também a viveu e deseja experimentá-la. E mesmo, deseja dar a ela uma forma, dentro dos modelos sociais. Aparentemente, um dos objetivos deste Instituto talvez seja experimentar uma nova ideia sobre o homem e dar a ela uma forma, dentro da sociedade. Talvez, esta jovem a meu lado possa nos dizer se esta é ou não sua ideia central, de forma a termos uma base para continuar nosso diálogo.

P. – Creio que é como se fosse... Sou nova aqui...

R. – Alguém poderia dizer de uma maneira mais concreta se esta é ou não a ideia deste grupo, em termos de futuro?

P. – Bem, este grupo surgiu de uma insatisfação. Originalmente, estávamos insatisfeitos com certos aspectos da realidade. Podíamos concordar com certos aspectos da realidade, e discordar de outros aspectos dela. De forma que, estávamos em busca de algo novo. E, como um passo prévio dessa busca, decidimos inicialmente estudar essa realidade, para começar de fundamentações sérias: primeiro, conhecer a realidade. Depois, propor reformas para essa realidade. Neste ponto de nosso grupo, a ideia de reformar parcialmente a realidade – sobre realidades políticas, sociais ou econômicas – estava mais ou menos latente, mas não completamente expressa. E não era totalmente satisfatória, ao não podermos encontrar ideias satisfatórias a nível político, social e econômico, como um todo. Sobretudo ao vermos que existem sistemas estruturados sobre diversas formas opostas que falham e estão em crise. Assim, começamos a pensar que, paralelamente a necessárias reformas em massa, necessitamos de reformas de tipo individual, em cada um de nós. O que significa, enquanto o homem mantiver sua atual estrutura mental e permanecer sujeito às mesmas ambições e paixões, não haverá soluções para tantas frustrações facilmente detectadas entre as pessoas jovens – que estão muito desorientadas e sem qualquer horizonte. E ainda entre pessoas idosas, que estão realmente desapontadas no cenário da Argentina. Estamos interessados em seu livro, já que o sr. reflete a mesma linguagem, isto é, a existência de um novo homem: um homem de futuro é um imperativo.

Resposta:

— Com o que o sr. acaba de dizer podemos fazer uma ponte com a primeira pergunta sua acerca da metodologia. Ou seja, voltemos à metodologia. Isto é, à ideia de “Germes de Futuro no Homem”, que coincide com sua ideia, tem que estar em função, como ponto de partida metodológico, com a ideia de um novo homem e não de um novo tipo de instituição ou de um novo tipo de organização. Ou seja, que a chave do fenômeno social que aponta para o futuro é, indiscutivelmente, um homem novo. Isto é, um homem novo que possa plasmar uma nova sociedade, e não uma metodologia que vá em busca de modelos institucionais exclusivamente. Desde este ponto de vista, e voltando à pergunta sobre os hippies e alguns outros movimentos novos, é muito interessante destacar que existe muita inquietude, hoje em dia, em alguns países, pela busca de novos modelos institucionais. Tomemos o caso dos hippies e o que nos Estados Unidos são chamadas as comunas – “comuns”. Nestes últimos cinco ou sete anos se desenvolveram ali umas 3.000 comunas, ou seja, 3.000 grupos juvenis que procuram e experimentam novas formas de vida de comunidade: umas são hippies, outras não são hippies. Umas estão politizadas, outras não estão. Umas têm tendência religiosa, outras não. Isto é, a insatisfação que parte da vida institucional da família em crise – que se traduz em uma evasão de 500.000 jovens que anualmente emigram de suas respectivas famílias a diferentes pontos do país – é uma das principais causas da

formação dessas comunas. Mas, a experiência já começa a mostrar que os velhos problemas que tinham os jovens em suas respectivas famílias são reproduzidos nas comunas. E o princípio de total autonomia pessoal que foi tomado como base para opor ao velho sistema do autoritarismo familiar, começa a ser revisado. A ponto de que existam autores que estudaram as comunas, que dizem que se elas não tiverem certo autoritarismo, dissolvem-se em seguida: isto é, voltamos ao ponto de partida. Ou seja, que, o homem velho insatisfeito – que pode ser cada um de nós – que queira procurar uma metodologia em busca de formas sociais novas, só formais, de novas estruturas institucionais somente, fracassa. As formas de organização da vida social mudam com o transcorrer do tempo, umas são melhores, outras são piores. Mas, se o homem não muda interiormente, reproduz nos novos modelos institucionais os mesmos vícios, os mesmos complexos, suas torturas mentais, as mesmas dificuldades de convivência, já seja que viva em uma família convencional, em uma comuna hippie ou em um kibutz israelita. O problema metodológico – me parece – deve centrar-se na aspiração fundamental a ser um homem novo. Antes de pensar em uma metodologia particular, devemos perguntar-nos se somos capazes de absorver em nós mesmos a ideia do futuro. Por outro lado, a ideia do futuro não está reduzida a “Germes de Futuro no Homem” nem a nenhum outro livro que ande por aí, senão que é uma ideia – ou melhor, é uma força – que já existe no mundo e que é captada simultaneamente por diferentes pessoas que têm vocação de ser homens novos. E é aí onde – acho – devemos centrar o método. Penso que se não acertarmos em viver e experimentar em nós mesmos a ideia do homem futuro, tudo o que pudermos plasmar socialmente não vai ser mais que uma réplica do passado.

(Jovem)

Pergunta:

— Concretamente, o que é o homem futuro e como se canaliza essa vocação de querer ser um homem futuro?

Resposta:

— Voltamos outra vez ao como e a querer encontrar elementos objetivos. Não creio que hoje em dia se possa definir o homem futuro por traços caracterológicos objetivos, por sua forma de pensar, suas formas de crer... por sua forma de vestir, se tem cabelo comprido ou se tem cabelo curto... o homem futuro é uma aspiração da humanidade atual que se concretiza vitalmente em alguns indivíduos que formam já uma nova força social: isso é o homem futuro.

(Outra jovem)

Pergunta:

— E que pautas temos para reconhecê-lo?

Resposta: — Voltamos outra vez a querer concretizar, a querer definir, ou a querer objetivar o fenômeno humano. E, uma das principais características – funcionais, se pudermos dizer assim – que é própria do homem futuro é, justamente, o negar-se a ficar preso na tendência objetiva da consciência, que é uma das grandes tiranias da mente. Nós vivemos habitualmente na tirania de uma consciência objetiva: queremos objetivar tudo, desde nossos pensamentos e desejos comuns, até as mais elevadas especulações da ciência atual. O homem futuro se abre precisamente em um campo de não-objetivação... Assim como o srs. mesmos o fizeram... Quando perguntei a Osvaldo em uma oportunidade – também com minha velha mente objetivadora – “o que procuram os srs. no Instituto que formaram, quais são as ideias, quais são as pautas fundamentais?”, e ele me respondeu em forma muito simples: “não temos pautas”. Isto desconcerta, não é verdade?

Pergunta:

— Desculpe, se Osvaldo lhe disse que não temos pautas... o que acontece conosco é o seguinte: o Instituto propicia uma forma de diálogo. Mas, mais que propiciar uma forma de diálogo, propicia quem sabe o reconhecimento de nós mesmos. Então, quando cumprimos uma série de atividades, um calendário de atividades: chamemos isso de encontro da juventude, conferências, palestras ou debates, se bem estejamos objetivando em um momento dado, o fazemos com o ânimo de subjetivar em nós mesmos posteriormente. Ou seja, esse é nosso objetivo: conhecendo-nos a nós mesmos, entabular e seguir o diálogo, com respeito aos demais.

Resposta:

— Correto, essa é a pauta, ou seja, um método que nos permita refletir-nos a nós mesmos nos demais e não um método de objetivação tirânica que nos encadeie a objetivos fixos que depois se tornem

antagônicos a outros objetivos... não é verdade? O homem novo se abre hoje em dia, mais que nada, a um anelo profundo de conhecimento de si mesmo, de penetrar na profundidade de seu meio interior. Quer dizer, de revelar o ser, de recuperar um ser que se perdeu justamente pela tendência objetivadora da consciência. Egoência do ser é simplesmente isso, recuperar nosso ser.

Pergunta:

— Doutor, dentro das ideias de seu livro, eu gostaria de esclarecer o que o sr. chama de renúncia e método profético.

Resposta:

— Bom, a renúncia é o fundamento metodológico da abertura. A renúncia é a base fundamental da abertura do ser.

(Do mesmo interlocutor)

Pergunta:

— E método profético?

Resposta:

— Profético quer dizer, na medida em que cada um de nós podemos perceber o futuro. Nessa medida, cada um de nós experimenta um método que atualmente já não é privativo dos grandes profetas da raça humana – claro que eles o exercitam no nível da grande profecia...digamos. Mas, na medida em que cada um de nós aqui quer perceber o que vem se dando desde o futuro, estamos exercitando o método profético. Possivelmente, a característica do homem futuro – e aqui surge uma certa resposta à pergunta formulada anteriormente pela jovem, sobre “quais pautas” poderíamos dar para seu reconhecimento – uma das características – voltamos a repetir – desse homem futuro é, precisamente, essa especial sensibilidade que o torna receptivo ao futuro. Em troca, a maioria dos seres humanos vive em função do passado. E suas formas de pensar e suas formas de sentir estão relacionadas com o depósito de experiências do passado, cuja energia move seus pensamentos, seus sentimentos e sua ação. Enquanto que o homem novo tem uma abertura, uma especial sensibilidade e uma especial receptividade àquilo que se dá, desde o futuro. De modo que, neste sentido, cada um de nós está exercitando um método profético, que não era a característica das gerações anteriores... não é assim? Todos os métodos psicológicos de conhecimento do homem que ocorreram até hoje, incluindo um método tão moderno como a psicanálise – e que se aprofundou tão extraordinariamente no subconsciente – todos estes métodos estão em função do passado. Estão em função de um conhecimento daquelas capas da experiência humana que pertencem ao passado. Só nos últimos tempos, uma nova sensibilidade – se pudermos dizer assim – começa a afrouxar, em um conjunto de homens em diferentes partes do mundo, o que lhes permite receber a mensagem do futuro. Também já não a recebem por intermédio dos grandes mensageiros – os grandes mensageiros a transmitem, indubitavelmente, em diferentes níveis de operatividade. Mas, um conjunto de almas, simultaneamente em diferentes lugares do planeta, se tornam receptivas em forma direta à mensagem do futuro. E esse grupo de seres humanos, com uma nova consciência – e que se reconhecem entre si por similitude – constitui a nova geração e constitui a nova esperança para o mundo. É a emergência de um novo tipo humano que ainda está em germe. Não podemos ainda falar de traços definidos, de caracteres fixos. Porque tal tipologia estruturada se faz evidente quando a raça é velha. Então, aparecem os traços definidos de uma raça e de uma cultura. Mas nós estamos falando agora de uma cultura em gestação. O mesmo termo “*germes*” de futuro no homem nos está indicando que o que chamamos agora de consciência nova em expansão, abertura ao futuro, egoência do ser, é um novo traço qualitativo de caráter germinal... que está em gestação. A consciência nova que está nos srs. ou pode estar em mim não é uma qualidade nova, no esplendor de seu desenvolvimento. Por isso, compreenderão melhor nos srs. mesmos e em mim, a vacilação frente a esta receptividade incipiente de futuro. Não temos como instrumento para “ver”, olhos tão aperfeiçoados como os olhos corporais – que quem sabe durante quantos milhares de anos a Raça teve que aperfeiçoar para que pudessem perceber o meio ambiente físico que nos rodeia. Mas, se está desenvolvendo um novo tipo de consciência e um novo tipo de percepção no homem, ainda de caráter germinal. Passarão, quem sabe, quantos milhares de anos, até que estas qualidades germinais cheguem a seu pleno desenvolvimento nos novos tipos humanos. É muito importante reconhecer isto, porque muitos dos fenômenos individuais e sociais de nosso tempo devem ser interpretados em termos de funções incipientes, que acabam de nascer. Daí a dificuldade de objetivá-las, e ainda o perigo de objetivá-las... Porque, hoje em dia, também todo mundo fala de homem novo, sem saber bem o que seja. Devemos perguntar-nos, de que homem novo estamos falando? Primeira questão de crítica metodológica. O hippie pode acreditar-se homem novo, pelo simples fato de sua rebeldia, por usar o cabelo comprido e

roupa não convencional. Os grupos revolucionários que apontam à destruição das estruturas velhas da sociedade também se consideram homens novos só por esse fato. Os homens de alguns grupos religiosos se consideram homens novos em razão de alguma nova crença ou ideologia. E o mesmo ocorre nos campos artístico, científico e tecnológico de vanguarda. Ou seja, cada um quer sentir-se objetivado e reconhecido neste novo fenômeno humano, pela apropriação de algum traço especial distintivo exterior. A literatura moderna acentuou a confusão, ao pretender adjudicar a esta ou aquela classe social, a esta ou aquela ideologia, a este ou aquele grupo geracional, os caracteres do homem novo – como quando se diz, por exemplo, que é a juventude a detentora dos traços da nova consciência, sem advertir que na juventude existe de tudo... Isto é, tem que ficar bem claro que o que chamamos homem novo é um traço ou qualidade humana interior: daí a dificuldade de poder objetivá-lo.

Pergunta:

— Poderíamos dizer que é um aspecto psicológico ou sociológico?

Resposta:

— Não podemos reduzir a qualidade de homem novo ao psicológico nem ao sociológico. É um estado interior de consciência que não podemos definir como psicológico porque o psicológico é um aspecto do ser. Temos que localizá-lo no ser: talvez fosse melhor dizer que é um modo individual de ser. Se dissermos que é sociológico, estamos parcializando-o ao projetá-lo sobre a tela da sociedade. E então, diríamos que é sociológico porque é um fenômeno que se dá nos hippies, ou nos grupos de esquerda revolucionária, ou nos grupos de vanguarda artística ou nos grupos científicos de vanguarda. Se dissermos que é psicológico também o estaremos parcializando porque a psique é uma parte do homem, não é o homem. Parece-me que vamos nos entender melhor, desde o ponto de vista terminológico, se nos aproximarmos das correntes filosóficas modernas que apontam para o *ser* do homem. Homem novo, no sentido que damos ao termo, é um modo de ser. E ao dizer um modo de ser, queremos significar um modo de ser *total*, psicológico, sociológico, físico e espiritual ao mesmo tempo: isto é, entramos no campo do homem unido, integrado, e saímos do campo do homem dividido que cada um de nós é. Talvez ao chegar a este ponto, possamos perfilar um pouco melhor este fenômeno do homem novo: falar hoje de homem novo é falar de uma vocação de integralidade, da possibilidade de sair dos respectivos campos de especialização e de objetivação vital em que estamos aprisionados. Cada um de nós está aprisionado em um campo parcial: por nossa profissão, por nossa cultura, por nossa raça, por nossa religião, pela ideologia, por pertencer a tal ou qual grupo social, a tal nação ou outra... e em tais condições estamos nos debatendo em proposições de competência e predomínio, na busca de soluções parciais. Falar de individualidade expansiva é justamente sair de tudo isso, renunciar a tudo isso e entrar em uma nova dimensão existencial e em um novo campo de consciência. Que tenha caráter expansivo, isto é, que possa ser total. Porque nós não temos uma consciência total, temos uma consciência reduzida – condicionada objetivamente a nossa família, a nossa raça, a nossa nacionalidade, a nossa profissão – mas não temos uma consciência universal: gostaríamos de tê-la, mas não a temos. Mas, na medida em que nos “abrimos”, ainda que seja em um certo instante de nossa vida, nesse momento de abertura nossa consciência se expande; e esse tipo de consciência expansiva é o meio de união entre os homens. E com isto, volto à proposta que vocês fizeram: por não querer fixar uma posição objetiva, o Instituto se abre a todas as posições, pelo menos como possibilidade. Creio que, de alguma maneira, ao vocês não haverem fixado uma posição e sim, haverem dado um método – o diálogo – se se mantiver o diálogo como método, do mesmo diálogo – que é abertura – vai surgir a possibilidade de união com outros grupos.

Pergunta:

— Osvaldo dizia que o sr. havia lido todos os números da Revista do Instituto. Gostaria de lhe perguntar: que conclusões tirou dessa leitura?

Resposta:

— De forma geral, tive boa impressão. Justamente o que me impressionou melhor foi a ausência de uma ideologia reacionária. Vejamos se me explico: reativa.... Porque hoje em dia, quase todos os movimentos sociais se fundam em uma consciência reativa. Reagem a favor de algo ou alguém, ou contra. Estão reagindo constantemente. Acreditei ver nas páginas da Revista que o Instituto não propunha uma posição reativa. Pelo contrário, que era um grupo aberto, que era um grupo equilibrado – balanceado, diríamos, em termos dietéticos – (risadas), que tinha todos os ingredientes. Isto é, um grupo que estava equilibrado entre o espiritual como aspiração suprema do ser, o social como expressão do homem na comunidade, o respeito a uma tradição – no melhor sentido do termo – a valorização do

indivíduo, e a abertura ao diálogo. E pareceu-me que esses elementos de doutrina – se pudermos chamá-los assim – são valiosos sobretudo se os srs. se constituírem em custódios dos mesmos. Penso que estes valores abertos ao universal devem ser custodiados... não sei se sou claro.

Pergunta:

— O sr. acaba de empregar a palavra custódios, e eu a associo com a palavra líderes. Não seriam sinônimas neste caso?

Resposta:

— Antes de mais nada, gostaria de dizer uma coisa: quando um grupo se lança a dar uma ideia, e quer essa ideia, a ama e quer dar-lhe força, não somente tem que pôr a ênfase na liderança de sua difusão, senão também deve custodiá-la, para mantê-la em sua pureza... ou seja, se o Instituto, que fez do diálogo seu princípio fundamental, não o respeitar, o diálogo se transformará em polêmica, discussão, proselitismo ou qualquer outra coisa. Indubitavelmente a força expansiva do grupo em direção ao universal diminuirá.

Pergunta:

— Então, partindo da necessidade de nuclear-nos sob esta nova ideia de homem novo, eu penso que neste momento, em que ela ainda não pode ser concretizada, não pode mostrar a esse homem – objetivamente falando – todas aquelas formas que o homem criou em seu passado. Ainda aquelas que têm tendência à abertura, são as que nos poderiam levar a um engano, como para que fossem imagem do homem novo. Concretamente: desde o ponto de vista político, as ideias sociais existentes; desde o ponto de vista religioso, as religiões ou a religião que generalize – digamos. Estou certo?

Resposta:

—Penso que sim. Existem muito poucas ideias novas no mundo de hoje. Também acredito que muitas das fachadas ideológicas que se apresentam hoje em dia como novas, não são novas e sim, somente novidades, o que não é o mesmo. De modo que, a primeira função de custódia em um grupo como este é criar justamente dentro do grupo a suficiente força de investigação e de estudo, para poder detectar o que realmente é novo. E descobrir aquelas fachadas que, com a aparência de novas, não fazem mais que recobrir ou encobrir o velho.

Pergunta:

— Doutor, nós então estamos ante uma confusão. Percebe-se a existência germinal de um homem novo, que justamente porque é tão novo não se podem dar traços definidos que o caracterizem. Agora, nós estamos na postura de reconhecer que é necessário – eu pessoalmente o sustento – o surgimento de um homem novo. É desnecessário aprofundar mais sobre quais características possa ter esse homem novo porque não chegaríamos a nada – ainda não existem pautas. Mas, supondo que tenhamos a aspiração íntima de chegar a ser homens que reúnam estas características, se me integrasse em uma comunidade hippie – de acordo com o que o sr. diz no livro– tomaria um caminho equivocado?

Resposta:

— Eu não disse que seja equivocado...

(Jovem)

Pergunta:

— Não é o caminho adequado, se aquele que ingressa em uma comunidade hippie não tem em seu ser a vontade de querer mudar, porque então, por trás da aparência de hippie, pode estar levando uma vida de burguês.

Resposta:

— Claro... eu não tenho nada contra a comunidade hippie. Ao contrário, creio que para alguém que tenha vocação de hippie pode ser o caminho adequado.

Pergunta:

— Subjetivamente adequado...

Resposta:

— Claro!...

Pergunta:

— Eu penso que o homem evolui historicamente. Ou seja, que o homem novo não é um fenômeno exclusivo desta época, senão que foi aparecendo em muitas épocas anteriores. Quer dizer que desde o homem das cavernas até o homem atual, houve um processo de evolução, onde a escala de homem novo foi aparecendo muitas vezes na história. Agora, cada uma dessas escalas deu, em seu tempo, um tipo de sociedade determinada, quer dizer, antes de mais nada, eu não compartilho a ideia do jovem, quando dizia que existe todo um marco de interação entre o marco social e o indivíduo como ser. Nós somos um produto do meio social, e temos uma série de conflitos devido a nosso meio. Considero este o problema – e esta é minha pergunta: se nós estamos vivendo em uma época de transição, não só de ordem nacional mas mundial, onde vão aparecendo novas formas, esse germe de homem novo não seria o fenômeno de uma transformação social que tem que vir? Agora, possivelmente, também existam outras pautas do que Teilhard falava sobre a aproximação de um novo ponto, o ponto ômega, ou seja, em direção a um ponto de aproximação universal muito maior. Por isso, acredito que a busca do homem novo não possa estar limitada a um problema subconsciente, senão que deva ser de ação. Nós mesmos não sabemos como vai ser. Mas, de acordo como formemos as instituições, ou seja, de acordo como formemos todo o marco social, econômico, político, aí vai aparecer o homem novo.

Resposta:

— Eu também penso assim, em parte. É indubitável que o próprio “Encontro” que os srs. promoveram é uma maneira de detectar o homem novo: o homem novo é detectado na reunião de pessoas e se desenvolve em função da comunidade social. Mas é preciso ter cuidado ao acreditar que surge, simplesmente, como produto desse meio.

Pergunta:

— Desculpe, doutor: o homem novo nasce da interação do grupo. Se bem nasça subjetivamente, se manifesta ou se canaliza no grupo. E essa é a intenção do Instituto, canalizar todas as nossas opiniões e todas as nossas inquietudes através de uma instituição que nos agrupe. Individualmente não chegaríamos absolutamente a nada, enquanto coletivamente podemos chegar a algo, e esse algo nós o denominamos IDES.

Resposta:

— Está bem, correto. Mas acredito que temos que ter cuidado justamente com o grupo. O grupo pode atuar em função de abertura ou de cárcere, como acontece com todos os grupos. Nós estamos padecendo na sociedade atual de um fenômeno de massificação: somos produtos – como dizia o jovem – do meio, e essa é nossa desgraça, não é assim? Seremos produtos do meio. Os grupos, hoje em dia, as grandes corporações, o estado corporativo – como o chama Reich nos Estados Unidos – são estados de massificação da consciência. E qualquer grupo pode transformar-se em uma organização de massas, a mais. Isto é, o grupo tem duas faces, e é preciso saber reconhecê-las. Por um lado, atua em função de encontro, de abertura. Enquanto pudermos mantê-lo nessa abertura, estará aberto ao futuro. Mas, tem também uma face demoníaca – chamemos assim – que todo grupo tem, e é quando se transforma em uma corporação a mais, em uma massa a mais, onde o indivíduo pode ficar também anulado, preso. Então, estes grupos novos têm que ter certa flexibilidade operativa para poder funcionar nas duas faces. Porque claro, como grupo, os srs. podem fazer muito, podem promover uma ação coletiva importantíssima, sempre que o grupo tenha em si mesmo, em seu coração, no centro do grupo, em sua custódia, um espírito de individualidade que possa manter-se. Senão, o grupo se transformará em uma massa a mais, vai entrar em choque com outros, vai ser dominado por alguma ideologia ou vai entrar em conflito consigo mesmo... não sei se me explico.

II

Pergunta:

— Desculpe-me, doutor, a que o sr. chama método de vida? O que é método de vida?

Resposta:

— Bom, método de vida penso que é... O sr. sempre volta à metodologia, e me parece bem (risadas)... o método de vida é o método do homem novo. Isto é, poder viver e encarnar as ideias, e não simplesmente teorizar sobre elas. O homem novo, a sociedade nova, surgem em função de um método de vida e não em função de uma ideologia.

Pergunta:

— Como aqui há algumas pessoas que não leram o livro, pode explicar em que consiste esse método?

(Outro interlocutor)

Pergunta:

— O sr. diz encarnar um método de vida. A grandes traços, se o sr. pudesse exemplificar – como diz Osvaldo – algo sobre o que o sr. chama encarnação de um método de vida.

(Outro interlocutor)

Pergunta:

— Por exemplo, neste capítulo, o sr. se refere à “harmonia do indivíduo com os ritmos da natureza”, depois fala do “controle da mente”. E, finalmente, de “reserva, uso e transformação da energia humana”. E, dentro desta última parte, se refere ao controle das energias ligadas ao “sexo”, à “palavra” e à “vista”.

Resposta:

— Volto ao ponto de partida: existe vocação suficiente para viver em função de um método deste tipo ou não? Porque o método surge para aquele que o quer...

Pergunta:

— Mas, o problema é que, às vezes, é preciso conhecer o método para saber se se o quer.

Resposta:

— O método, tal como o sr. o resumiu, é demasiado amplo como para poder ser explicado em poucas palavras. Mas partamos da base de que estamos bastante longe desse tipo de metodologia. De modo que, comecemos por reconhecer, se for possível, que longe estamos, habitualmente, de tudo isso! Em primeiro lugar, se quiséssemos ter uma harmonia com os ritmos naturais, temos que confessar que não os reconhecemos. E o pouco que conhecemos – porque, pelo menos o ritmo dia-noite nós conhecemos – estamos longe de praticá-lo, porque fazemos do dia, noite e da noite, dia. Se coisas tão elementares como estas não as podemos praticar!... Em segundo lugar, que o método tenha que referir-se a um controle da energia é indiscutível, mas queremos (cada um de nós) adquirir um controle da energia? Estamos tão longe de tudo isso! Estamos acostumados a uma sociedade de consumo, consumimos qualquer coisa, gastamos qualquer quantidade de energia, própria ou alheia, com nossos gostos, com nossas satisfações... queremos algum tipo de controle sobre essa energia? Por outro lado, se não acertarmos a intuir a finalidade fundamental de nossos esforços, vai ser muito difícil para nós praticar um método assim. Se eu não consigo enamorar-me de um ideal de transformação humana, é muito difícil que possa renunciar a meus prazeres comuns, que possa renunciar ao que quero, ao que me agrada, a renunciar ao sexo, a renunciar a ter comodidades, a ter dinheiro, a viajar, a ter as coisas que as pessoas dizem que fazem grata a vida. Em resumo, se eu não tenho um sentido transcendente de minha existência, para que vamos falar de método de vida? Para que vamos falar de reserva sexual? Que sentido tem falar de reserva sexual em um mundo de voracidade de desejos, em que o único sentido da existência que as pessoas têm é ser um pouco mais feliz e um pouco mais esquecida de si mesma, e em que o sexo oferece a grande solução para esquecer-se de si mesmo? Como vamos falar então de controle da energia humana em uma sociedade consumidora ao máximo, que nos está oferecendo constantemente coisas e que nós, por nossa voracidade interior, compramos sem poder renunciar a nada porque a força da publicidade, do meio ambiente – como diria nosso amigo – é mais poderosa que nossas boas intenções de controlar-nos a nós mesmos? Em função de que vamos tentar o novo método de vida?

Pergunta:

— Já que o sr. fala do controle, eu creio que esse controle esteve vigente em toda a história através dos conventos de diferentes doutrinas religiosas...

Resposta:

— Sim, mas para quem teve amor para praticá-lo!

(Mesmo interlocutor anterior)

Pergunta:

— Claro, mas sempre esteve vigente... ou seja, se falamos do homem novo não podemos considerar o controle como uma nova característica, senão que sempre esteve vigente.

Resposta:

— De acordo: o anelo do homem novo de querer harmonizar sua vida individual com a vida do cosmos não quer dizer que esteja inventando as leis do cosmos. O homem não inventou a lei da gravidade nem as leis da radiação cósmica, nem inventou os ritmos da natureza ou as leis da energia humana: essas leis estiveram sempre vigentes, mas o homem atual tem que redescobrir sus relações com o cosmos. mas temos que perguntar-nos primeiro, como pergunta prévia – voltamos a repetir – se temos amor suficiente para querer estas coisas, ou se é uma simples curiosidade intelectual, curiosidade de doutrina e de conhecimento... algo que nos agrada conhecer para enriquecer um pouco mais nossa mente e saber um pouco mais...

Pergunta:

— Desculpe, esse tipo de pergunta que o sr. faz, não se pode pretender que seja respondida!

Resposta:

— Não, mas nós fazemos essa pergunta a nós mesmos como metodologia. É uma pergunta que devemos fazer-nos constantemente, como metodologia. Eu não digo que seja preciso responder a ela. Digo que é preciso questionar-se, porque a própria pergunta vai nos mostrar o caminho para a resposta.

Pergunta:

— Quando o sr. nos falou antes de instituições, em mim ficou algo não muito claro... O sr. falou dos perigos que uma instituição como a nossa pode criar, ou os possíveis perigos que poderíamos correr: concretamente, quando falava disso se referia à rotulação – diríamos – da instituição?

Resposta:

— Não, à rotulação não. Refiro-me mais ao espírito que a anima. Se o grupo pode manter-se com espírito aberto, vai ser uma força em expansão.

(Mesmo interlocutor)

Pergunta:

— Com o espírito aberto, mas sem negar o fato positivo de criar uma tomada de posições...

Resposta:

— Certamente!

(Mesmo interlocutor)

Pergunta:

— Ah!

Resposta:

— Por isso digo, se o coração do grupo está alerta ao princípio com que foi lançado. Porque o Instituto dos srs. também é germinal e muitas coisas germinais abortam em seus primeiros meses de gestação.

(Jovem)

Pergunta:

— Desculpe, volto um pouco ao tema da pergunta anterior, que fazemos constantemente: esse querer tomar uma consciência plena e profunda do ser, em cada um. A pergunta inicial é a seguinte: se eu trago aqui uma pessoa que absolutamente não tenha ideia do que está sendo tratado e lhe digo, “olha aqui,

estamos falando do homem novo”, o primeiro que a pessoa faz é objetivar. E talvez, a pergunta que me faça seja objetivar. Mas, se eu tivesse que me perguntar - em um estado de zero quilômetro - seria: “para quê?”. Se eu conseguir obter a resposta adequada de “para quê”, depois posso fazer todas as perguntas dos caminhos a seguir. Mas posso obter essa resposta de “para quê?”, “o que vai me trazer ser um homem novo”, vai me fazer ser mais feliz ou vai me fazer tomar consciência de mim mesmo?

Resposta:

— Essa pergunta, você a está propondo a si mesma ou está perguntando a mim?

(Mesma jovem)

Pergunta:

— Eu a estou propondo ao sr.... O sr. pode respondê-la?

Resposta:

— Mas, quando faz a pergunta a mim, está perguntando também a si mesma?

(Mesma jovem)

Pergunta:

— Sim, certamente!... e não só desde agora.

Resposta:

— E, então, que resposta dá a essa pergunta dentro de si mesma?

(Mesma jovem)

Pergunta:

— Não encontrei a resposta ainda.

Resposta:

— Não a encontrou, mas quer saber primeiro que vantagens vai lhe trazer... Quer ver se lhe convém ou não, se é rentável ou não...

(Mesma jovem)

Pergunta:

— Não, é um pouco frio falar assim, mas... eu penso que tudo tem um “para quê”.

Resposta:

— Essa pode ser a primeira armadilha da mente: quando projetamos um “para quê”, se está se perguntando se vai ser útil ou não, que benefícios vai lhe trazer, já está fechando o campo à resposta profunda.

Pergunta:

— Claro, desculpe, mas se não perguntar “para quê” estarei chegando a um convencimento falso. Ou seja, se não se pergunta “para quê” – eu o vejo no caso dela... ou seja, apoio a pergunta – se não se diz “para quê” é porque se está indo – digamos – como uma espécie de carneirinho, carne de canhão, que vai assim abaixando a cabeça e dizendo: vou... sigo algo... mas não sei onde vou. Ou seja, o primeiro que temos que perguntar, antes de dar um passo, é “o que temos pela frente?”. Não é questão de pessimismo ou otimismo para fazer frente a um método ou a um novo modo de vida. É, sim: “o que há aí?”, “como se apresenta, como se chega a isso, como se faz e como se vive?”. E então sim, vamos nos perguntar: “me convém ir?”. Mas não me convém ir por uma questão de conveniência fria, monetária ou pelo que esteja sendo oferecido. “Convém para mim mesmo e para o bem de toda a comunidade, e de todos os que amo, me convém ir à calçada em frente ou manter-me no mesmo lugar?”. Isso seria o “para quê”.

Resposta:

— Esse questionamento supõe um ponto de partida falso, porque é uma posição que está mantendo uma dualidade entre a “calçada em frente” e o sr. mesmo. Ao perguntar: “me convém ir à calçada em frente ou não?” o sr. já está se negando a si mesmo e considera que o homem novo está na calçada em frente, o que é uma posição racional...

(Mesmo interlocutor)

Pergunta:

— Bom, desculpe que o interrompa, eu o chamei de calçada, mas talvez seja um passo...

Resposta:

— Eu creio que o homem novo nasce ou não nasce em cada um: essa é a questão fundamental! Não se trata de um proselitismo, não se trata de que alguém venha aqui, eu ou qualquer um, falar do Homem novo como quem oferece um produto - e os demais comecem a pensar se lhes convém comprá-lo ou não (risadas)... desculpem-me a ironia.

Pergunta:

— Eu me lembro de uma passagem de seu livro. Vou responder pelo sr., doutor, mas citando uma parte de seu livro. O doutor em seu livro diz que admite a dualidade, mas que essas dualidades estão demarcadas dentro de um todo: ou seja, primeiro é o todo e depois podemos falar das dualidades...

Resposta:

— Ou seja, não nos percamos nos detalhes do fenômeno: esse seria o “*quid*” da metodologia; não nos percamos nos detalhes disto que queremos captar como novo. Não nos percamos em uma especulação demasiado esmerada, de tipo racional, que vai nos fechar o campo. Por isso, o srs. haverão notado que eu estou me negando um pouco a especular e negando-me a responder objetivamente às perguntas, porque não gostaria de fechar o campo perceptivo. Todos temos uma consciência que tende a objetivar. Mas, ao mesmo tempo, essa objetivação fecha o campo do conhecimento. Isto é, deixemos esse campo aberto, deixemos aberta a sensibilidade. Não formulemos demasiadas perguntas racionais que fechem o campo a um tipo de receptividade que aponta para além do racional... nada mais. Tentemos sintonizar-nos, dialogar – assim como estamos fazendo – mas não fechemos o campo com fórmulas, acreditando que, porque demos uma fórmula ou uma resposta, já explicamos algo, quando em realidade só o pusemos numa tela. Por isso, seria bom que o diálogo não ficasse reduzido a poucas pessoas, senão que todos participem. Porque na medida em que se exerce uma função mais participante, as possibilidades de entender o que estamos querendo entender vão ser maiores.

Pergunta:

— Não obstante sua resposta frente à pergunta da jovem – do “para quê” – eu diria que há um ponto básico muito positivo, e é o fato de que ela formule a pergunta... A base de que já exista a inquietude em procurar. Ao não obter uma resposta, ao não tentar objetivar uma resposta – que seria o passo secundário – já a primeira pergunta lhe dá a possibilidade de estar no grupo. Ela disse: se eu trazer uma pessoa aqui e lhe disser que “estamos falando do homem novo”, essa pessoa demonstrará a inquietude de estar com o grupo, desde que não pergunte “o que é o homem novo?”, senão que diga “Ah!, talvez encontre alguma resposta ao que já me perguntei”.

Resposta:

— O srs. vêm como vai se enriquecendo a metodologia, na medida em que aprofundamos o diálogo. Porque estamos praticando uma metodologia! Isto é, que o que vale da inquietude da jovem é a pergunta e não a resposta. Porque a resposta pode estar moldada por mim, por meu condicionamento, por minha formação, por meu modo de ser, por minha ignorância ou pelo que for. Enquanto que a pergunta é sempre viva. Por isso, quando ela projetou sobre mim uma pergunta, esperando uma resposta objetiva, eu a trouxe de volta a seu eu individual, para que tivesse possibilidade de abrir o campo de uma resposta genuína. Ao não querer responder-lhe, é como dizer: “fique com sua pergunta!”. Parece-me correto o que o sr. acaba de dizer, porque no interrogante, na angústia existencial frente à dificuldade de encontrar uma resposta - é nesse mesmo padecer interior, se o sr. tem amor ao conhecimento, que vai encontrar a resposta. Em troca, se eu lhe der uma resposta, será uma resposta *estranha* a seu ser, exterior a seu ser. Uma resposta que vem de mim e que, portanto, não será uma resposta de sua egoência. A egoência nasce no ser, não nasce pelo que o vizinho lhe diz, o líder, o autor do livro. Porque o autor do livro disse isso, porque o vizinho da calçada em frente o disse: não existe a calçada em frente, nem esse autor nem esse livro. A egoência nasce quando começamos a querer negar todo esse tipo de respostas esquemáticas, formalistas, culturais, que parecem dizer muito e não dizem nada. Na medida em que possamos gerar em nós mesmos uma pergunta e ficar – ante uma resposta que não chega – sozinhos com a própria pergunta – e continuar perguntando – nesse mesmo momento já estamos entrando em um campo novo.

Pergunta:

— Com respeito à renúncia, a que o sr. fez menção – creio que seja um problema paralelo ao que vem sendo dito. Acredito que se nós estamos renunciando a algo, a algo que desejamos, frente ao sistema do novo ser de que o sr. fala, eu não necessito tratá-lo como um problema de renúncia ... porque ao não necessitar tratá-lo como problema, já o afasto. Ou seja, o problema do consumo de todas essas coisas que se apresentam a nós, se se o enfrenta usando a renúncia como método para chegar a um novo ser, inclusive se vai por um caminho falso... Isto é, se se tivesse que prescindir dessas coisas, seria porque não se necessita delas e não porque se renuncia como método.

Resposta:

— Os srs. querem que passemos a dialogar sobre o tema da renúncia? Acredito que o último capítulo do livro “Germes de Futuro no Homem” trata sobre a renúncia, não é? Eu digo creio porque não voltei a ler esse livro desde que o escrevi.

(Consultando o livro)

Sim, chama-se “A Renúncia”.

Pergunta:

— Eu também ia propor o tema da renúncia – que é um tema apaixonante. Mas, em realidade, pensava deixá-lo para mais tarde (*risadas*). Se me permite, o sr. se refere aqui à ansiedade e angústia do homem: devido às crises, devido aos conflitos... e diz que ao converter-se no homem novo, tomando um novo ideal, todos esses problemas prévios ficariam superados. Pelo menos, este parágrafo dá a entender isso. Eu creio que aqui todos estamos de acordo com esse enfoque, mas o que queremos ver mais claro é o problema da renúncia. E penso que esse parágrafo é o que mais dúvidas me trouxe, porque posso estar totalmente identificado com isso. Mas, daí a renunciar a tudo o que é material, a todos os bens materiais, a toda nossa estrutura societária, há um passo enorme... (*risadas*).

Resposta:

— Teríamos que dizer: “um momento!”, não é?... vamos ver se convém... “precisamos pensar nisso!”... é algo que assusta... (*risadas*.)

Bom, temos que abrir-nos ao problema para *entender* a renúncia, porque se não a entendermos, vamos objetivar opiniões, vamos exaltar um valor, criar algum mito, ou formar uma imagem falsa que vai nos provocar medo. Se os discípulos de Cristo – que se supõe fossem seres evoluídos – se assustaram quando lhes falou de renúncia, com maior razão, nós vamos nos assustar... e já estamos nos assustando! (*risadas*). Temos que chegar a dar-nos conta de que, hoje em dia, o fundamento das doutrinas sociais que se preparam para o futuro deverá se basear, necessariamente, sobre a renúncia. Isto que digo assim em poucas palavras, como uma linha de pensamento, deixo como tema para ser meditado pelo srs. Temos que compreender que, se falamos de liberdade interior, de liberdade do ser, não podemos prescindir da renúncia. Se todo este contexto de ideias que viemos desenvolvendo, acerca do homem novo, não estivesse fundado na renúncia, seria uma ideologia a mais, um humanismo a mais. Fala-se muito de liberdades: liberdade social, liberdade política, liberdade econômica, liberdade de ideias... mas não temos a liberdade. A humanidade, durante séculos, procurou a liberdade por diferentes meios, mas cada um de nós permaneceu escravizado às tendências, a nossas ideologias, a nossos bens, a nossa família, a nossa raça ou a nossos genes hereditários. A renúncia é uma lei universal de liberação: começemos por aí, ela não foi criada por mim, não é uma teoria de “Germes de Futuro no Homem”. É uma lei de liberdade humana, uma lei de integração. A renúncia é o que faz possível ao homem liberar sua energia – voltando em parte ao que foi perguntado sobre reserva de energia – não se pode liberar a energia humana se não há renúncia. Vamos ver se podemos compreender isto...

(Jovem)

Pergunta:

— Ficaria reprimida...

Resposta:

— Ou objetivada em algo. Nós estamos acostumados a materializar a energia em algo, a gastar a energia: se tenho muito potencial de energia, então gasto muito – como muito, adquiero muitos bens, muitas coisas – e assim gasto a energia, a condenso e a concretizo possessivamente em algo. Mas não a libero. Eu não libero minha energia para oferecê-la à humanidade - se é que a humanidade necessitaria dessa energia. Mas, se eu renuncio, nessa mesma medida é liberada a energia. Enquanto que o desejo, a posse de qualquer tipo que seja, objetiva o ser, o limita e o reduz: essa é a lei, agrade-

nos ou não. Isso não é questão de ideologia, mas questão de lei. Não sei se os srs. vêm assim... ou se estão de acordo. Ainda que não acredite que seja questão de estar de acordo ou não. Mas me agradaria conversar a respeito.

Pergunta:

— Isto é que, como passo prévio a qualquer tipo de liberação do homem, a técnica seria a renúncia?

Resposta:

— É que, ainda em algo tão concreto como é a solução dos problemas econômicos do mundo, é preciso haver um fundamento espiritual de renúncia que torne possível encontrar a justa distribuição da riqueza, que com os diversos sistemas de organização econômica não é conseguida. Os bens existem... – como diz Marcuse – todas as condições materiais e intelectuais estão dadas na sociedade atual para que seja possível a desapareição da fome e da miséria. E se não se consegue isso, não é por falta de riqueza e sim, por falta de renúncia. No fundamento moral dos novos sistemas econômicos tem que estar a lei de renúncia como possibilidade de expandir a força de produção do homem e torná-la universal. Porque se eu me aproprio possessivamente dos frutos de meu trabalho, minha energia fica a serviço de minha personalidade e não a serviço da humanidade. E o mesmo ocorre com a inteligência e os demais bens da cultura... De modo que, se falamos de um homem novo de caráter *expansivo*, necessariamente tem que ser um homem de renúncia: será um homem de mais ou menos renúncia – não o sei – mas qualquer homem expansivo renuncia a si mesmo. O srs. mesmos haverão renunciado hoje a estar em suas casas, a ter comido... eu hoje não comi para vir esta noite aqui e creio que o srs. também não devem ter comido: são pequenos gestos, não creio que sejam virtudes, são elementos construtivos de uma sociedade nova que está reclamando a expansão da energia humana. Se eu não renunciar a minhas comodidades, a meus gostos, a meus bens, não posso entrar no jogo da participação universal. Por isso a renúncia se antecipa como uma lei, já não como uma virtude para ser mais santo, para ir para o céu, para chegar à perfeição da alma – que pode ser que também consiga, se é que existem essas coisas – mas como função humana no jogo participante de uma sociedade nova. Aquele que não tiver renúncia estará perdido em uma sociedade nova... vai sofrer muito, vai ficar descolocado frente à aceleração do movimento de renúncia: choque do futuro, no sentido de Alvin Toffler.

Pergunta:

— Indo a um caso concreto, se eu me aperfeiçoar tecnicamente em política, por exemplo, e tiver que cumprir uma função social, primeiro terei que perguntar-me: "o que vou fazer, vou cumprir uma obra pessoal ou vou realizar a função que corresponde à minha missão profissional?"

Resposta:

— Ou seja, perguntar-se se vai cumprir a missão que o sr. sente como própria, no sentido que quer dar a sua existência. Para que o sentido de sua existência fique preenchido, para que não seja um homem frustrado. Para que... – e aqui vem o “para quê” de que a jovem falava – se o sr. tem um bem – sua inteligência neste caso, sua capacidade profissional – o sr. pode encontrar um sentido para sua existência, no momento em que oferecer esse bem. Não na medida em que o reter para seu uso e benefício pessoal: para saber mais, para ganhar mais e ter mais. O sentido da existência é preenchido, na medida em que o ser se dá e não na medida que em que recebe. Porque geralmente, quando se recebe, sente-se satisfeito momentaneamente. Mas depois, sentimos uma sensação de profunda frustração existencial. E, hoje em dia, a humanidade inteira padece de um sentimento de frustração existencial. Por quê? Porque não se dá. E a renúncia é isso, é muito simples, não é uma teoria sobre a qual seja preciso especular. É uma necessidade de dar-se – não de dar coisas, mas de dar-se – para que meu ser fique preenchido: é uma necessidade do ser, outra vez. Essa não é uma virtude religiosa exclusivamente, não é verdade? Não está confinada aos mosteiros... começa a ser sentida como uma necessidade dos homens dos novos tempos.

Pergunta:

— Voltando a nós, ao porquê nos organizamos: primeiro a origem – uma insatisfação – depois, falamos do método. E, agora, ficaria a parte final, referida à finalidade – mas não à finalidade no sentido de, se me convém ou não me convém, ou o que ganho com isso – entendida em um sentido mais amplo, ou seja, uma finalidade assim, de tipo existencial. E isso se relaciona, evidentemente, com algum princípio superior, com Deus. Pois bem, essa tendência do sentimento do homem novo, como se relaciona com Deus?

Resposta:

— Essa é uma pergunta muito importante feita pela egoência do ser... porque a egoência do ser se anuncia como um princípio de harmonia de valores humanos e divinos, e não como um novo humanismo: e aqui voltamos novamente à metodologia. Falar de Deus, hoje em dia é, às vezes, falar do que não se conhece e identificar com esse termo uma fachada ideológica, uma fachada de crença e uma postura exterior frente à vida - quando, talvez, o ser íntimo esteja negando esse Deus. Por isso, muita gente se nega hoje a falar de Deus. Porque se dá conta de que o falar de Deus - por falar - a crença pela crença em si mesma... não tem sentido. Estive conversando com um jovem que veio há pouco dos Estados Unidos - acerca, precisamente, de “Germes de Futuro no Homem”, e ele me dizia: “veja, o livro é bom, mas teria que fazer algumas correções. E, entre elas, substituir a palavra Deus por alguma outra palavra”. “Bom” - eu disse - “sim, mas tampouco vamos desvirtuar o sentido que a mensagem realmente tem ...”. E ele insistia: “substitua - sei lá - pela palavra transcendência, por exemplo”. “A palavra Deus” - disse - “pelo menos na juventude universitária que eu frequento, e também em outros grupos jovens, produz tal reação, que não querem saber de nada com ela”. E não querem saber de nada por quê? Porque nos Estados Unidos, ultimamente, a guerra do Vietnã e as comoções sociais internas fizeram que as pessoas vissem muitas coisas... E, entre elas, que muitos dos que juram por Deus e pela pátria em sus cargos públicos - cuja imagem adquire ali mais difusão do que aqui, através dos meios de comunicação de massa - se encontram depois, comprometidos nos crimes de guerra, na fabricação de gases tóxicos, na discriminação racial ou nos interesses das grandes corporações. As pessoas que pensam não aceitam essa dualidade de um homem que, por um lado, jura por Deus e, pelo outro, faz todo o contrário. Então, os questionamentos acerca de Deus devem ser, hoje em dia - penso - muito precisos, muito autênticos, e de um caráter mais interior que exterior. Creio que a renúncia, em função de vida e não de teoria, seja o valor que nos pode pôr em contato com aquilo que chamamos Deus. Não me parece que seja uma questão de chegar a dizer se eu creio ou não creio em Deus. Porque isso pode não ter nenhum sentido: se minha vida está escravizada por meus desejos, minhas posses, meu egoísmo pessoal, de que vale que eu diga que acredito em Deus, que valor pode ter essa declaração exterior? Mas, se tenho suficiente amor para iniciar o caminho da renúncia, então, na medida em que renuncio a mim mesmo, isso que chamamos Deus, de alguma maneira se fará uma realidade em mim. Ou seja, que o primário aqui, como método, e em nível humano, pode ser entendido. Ou seja, o valor humano a ser posto em jogo para que isso que chamamos Deus possa revelar-se como realidade e não como uma ilusão mais, é a renúncia. É o valor mais generoso que o homem pode pôr em jogo, à presença de Deus. Penso que não se pode comprar a divindade com alguma crença, com algum tipo de doutrina ou com algum tipo de palavras superficiais. Que não é só pelo fato de dizer simplesmente à divindade que a amo, que creio nela, que ela irá se manifestar em mim, se meu coração, se meu ser estiver longe do que meus lábios pronunciam. Mas, na medida em que possa ganhar um valor de generosidade humana, de renúncia, esse mistério que chamamos Deus começa a ter uma vigência existencial em minha vida, não uma vigência de crenças. Se for capaz de renúncia, seguramente vou ter uma abertura ao divino. Mas, se eu disser que creio em Deus e depois for ambicioso, se for egoísta, se tudo o que ganho, eu o consumir, se explorar o próximo e ficar envolvido em grupos que exploram a humanidade... de que Deus estamos falando? Isso é o que eu acredito.

Pergunta:

— Uma última pergunta, para não cansá-lo. O sr. também se refere no livro, ao controle da mente: poderia explicar um pouco sobre isso?

Resposta:

— Parece-me que, com o diálogo que estivemos realizando, de alguma maneira exercitamos um certo tipo de controle da mente: estivemos nos observando a nós mesmos e esse é, em meu critério, o começo do controle da mente. Porque se falou muito também do controle da mente e dos exercícios para chegar a ele. A literatura orientalista sobretudo, e também alguns trabalhos da literatura ocidental, encheram as estantes das bibliotecas com livros sobre a concentração mental, que tratam de exercícios para aguçar os sentidos, controlar o pensamento... concentrar-nos sobre um ponto, ficar de cabeça para baixo, etc. Eu acredito que todas essas coisas - pelo menos como são praticadas habitualmente - são exercícios parciais. Penso que o controle da mente tem que estar em função dessa harmonia de valores humanos e divinos a que chamamos egoência porque senão, faremos algo parcial. Passaremos meia hora fixando o olhar na ponta de um alfinete e, quando terminarmos esse exercício, seguramente nossa mente terá se tornado mais vigorosa, mais objetiva. Mas pode ser também que, quando acreditarmos que nosso ser está dominando a mente, essa mente vigorizada controle nosso ser e estejamos mais alienados que antes. A mente tem que estar em harmonia com a totalidade do ser. Isto é, tem que poder recuperar sua verdadeira função de meio, de servidora do todo, e renunciar a suas pretensões de hegemonia, de domínio do ser. Voltamos

outra vez ao ponto de partida. Quer dizer, voltamos a reconhecer que não podemos limitar-nos a metodologias parciais. Porque então, vamos nos tornar vegetarianos, porque acreditamos que com alguma dieta especial adquiriremos o sentido do futuro. Vamos nos concentrar todos os dias durante meia hora sobre a ponta de um alfinete ou vamos ficar de cabeça para baixo, acreditando que com essas coisas nossa mente vai ser mais ágil, mais disciplinada, mais enérgica. E o único que vamos conseguir é hipertrofiar alguma função parcial: como o atleta que exercita todos os dias seus músculos e conquista uma boa musculatura, em detrimento da harmonia do ser total. Há muita gente que disciplina sua mente e faz exercícios de concentração. E os vemos rígidos, duros, controlados objetivamente sobre si mesmos. Mas, ao mesmo tempo, fanáticos de suas posições e incapazes de harmonizar outras funções do ser. Resultado: a mente ocupou mais lugar do que lhe cabe e foi gerada uma nova escravidão.

Agora o srs. compreenderão por que eu me negava logo no começo, a responder objetivamente à pergunta pelo método, porque corríamos o risco de fixar uma quantidade de esquemas mentais, de fórmulas, de receitas, de exercícios, e de crer que com tais ou quais exercícios iríamos a chegar a ser homens novos. penso, em troca, que não há que dar maior importância, no começo, a esse tipo de metodologia, mas sim, tentar tornar-nos sensíveis a isto que estamos querendo ganhar em nossa alma e em nosso coração como *sentido de abertura*. No momento em que este sentido de abertura se tornar real, vocacional e querido por nós mesmos, os srs. vão ver que toda essa metodologia que já existe - e que é fácil de transmitir e de aprender - vai estar muito à mão, e vai ter sentido como método para chegar a ser. É como dizer a alguém que pergunte: “O que posso fazer para conhecer as ciências, para conhecer os segredos da natureza?” “Bom, tem amor ao estudo?”. Se tiver amor ao estudo há muitos caminhos que podem dar acesso metódico ao conhecimento... não é assim?

Dr. Ramón P. Muñoz Soler

Agradeço-lhes a gentileza de me haverem convidado para esta reunião e felicito a todos. Penso que o srs. podem fazer uma obra muito bonita se mantiverem este sentido cordial que pude apreciar esta noite. A reunião se manteve em um nível de abertura à comunicação, não se transformou em polêmica, não se transformou em tribuna de prédica ideológica – de alguém que vem com a intenção de querer convencer outros – nem se transformou em um antagonismo de ideias que gera forças contrárias: transformou-se em uma amizade. Se este sentido de amizade, de receptividade e de respeito às posições, ainda parciais, que possamos ter se mantiver e for custodiado dentro do grupo, eu estou seguro de que um grupo jovem como este pode dar, realmente, uma apresentação de ideias e sentimentos novos à sociedade, e irá atrair – não por prédica, mas por similitude – muita gente que está esperando uma mensagem nova, de alguém que saiba vivê-la.

Buenos Aires, 30 de dezembro de 1970